



5

OSEIAS A MALAQUIAS

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

Oscar F. Reed
Armor D. Peisker
H. Ray Dunning
William M. Greathouse

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

OSÉIAS A MALAQUIAS

5



O Livro de
NAUM

H. Ray Dunning

Introdução

A. O Profeta

Naum faz parte daquele grupo de profetas que não apresentam uma biografia. Uma referência escassa (1.1) é o único registro que temos de sua vida; e seu nome, escrito assim, não ocorre em outra parte do Antigo Testamento. Há outros nomes semelhantes com os quais está provavelmente relacionado (cf. 1 Cr 4.19; Ne 7.7), e seu significado é quase idêntico a Neemias. Conjectura-se, baseado em inscrições descobertas em fragmentos de cerâmica achados no sul da Palestina, que Naum era de uma família cuja tradição profissional era a olaria.

O título do livro diz que Naum é “elcosita” (1.1). Por esta informação, deduzimos que era de uma localidade chamada Elcós. Não se conhece lugar com esse nome na Palestina. Certos estudiosos acreditam que a cidade estava situada na Mesopotâmia e que o profeta era um dos descendentes dos israelitas cativos.¹ O fato de Naum estar tão familiarizado com a cidade de Nínive dá apoio a este ponto de vista (ver mapa 1). Há argumentos a favor de um local na Galiléia e em Judá baseados em certas referências não-canônicas.² Há quem sugira que Cafarnaum era a cidade em questão, visto que seu nome significa “cidade de Naum”.

O nome do profeta significa “cheio de consolo”, formado pela palavra hebraica similar a outras que significam “cheio de graça” e “cheio de compaixão”. Certos estudiosos não vêem a conveniência desta designação, visto que Naum proclama uma mensagem de destruição e devastação. Mas um exame mais detido revela que a natureza de sua profecia está no cerne do consolo – para o povo de Deus.

B. O Livro

Atualmente, a profecia de Naum é criticada com base em certas pressuposições sobre Deus. Há quem diga que o livro carece de valor e que sua mensagem é ética e teologicamente deficiente. Este raciocínio fundamenta-se no parecer de um Deus que exclui todo senso de ira ou justiça e que declara que a natureza do Senhor é não-punitiva. O ponto de vista bíblico mostra que o antagonismo ao pecado e o seu devido castigo são compatíveis com a natureza divina, e é, na realidade, de sua própria essência.

Além das críticas citadas, os estudiosos criticam Naum por: 1) ser cegamente patriótico e nacionalista ao ignorar o pecado de Israel; 2) manifestar aversão maliciosa e alegria mal-intencionada com a destruição de Nínive; 3) ser profeta do judaísmo principiante; 4) ser falso profeta em comparação aos outros mensageiros de Deus; e 5) refletir uma escatologia “pan-babilônica”.³

A acusação relativa a Naum ignorar os pecados do seu povo está implicitamente em 1.12 e também se relaciona com as considerações sobre a data do livro.

C. A Data

Há três fatores a serem levados em conta ao fixarmos a data da profecia de Naum. Estes fatos também proporcionam um cenário histórico para o livro. Nenhum deles, declaremos com antecedência, porá a questão cronológica fora de dúvida.

Há, em primeiro lugar, a referência em 3.8-10 à destruição assíria da cidade egípcia de Tebas (conforme as traduções mais recentes; “Nô-Amom” na ARA; ECA; RC). O texto diz claramente que o acontecimento está no passado. A data da queda dessa cidade foi em 663 a.C. Este fato poria o oráculo subsequente a essa data.

A principal consideração é a queda de Nínive, que é o propósito principal que o livro tem a predizer. Esta cidade era a poderosa capital do Império Assírio. Alcançou grande glória quando Senaqueribe a restabeleceu por sua capital. Esar-Hadom e Assurbanipal, seus dois sucessores, prosseguiram com o seu desenvolvimento. Em torno dela havia um sistema de fortificações que a tornava praticamente inexpugnável. Supunha-se que três carros podiam transitar, lado a lado, em cima dos muros. Dentro da cidade havia edifícios esplendorosos, ornamentos volumosos de obras arquitetônicas e monumentos maciços, uma grande biblioteca, ruas e jardins. Há pouca discordância sobre a data de sua queda. Os registros arqueológicos a estabelecem firmemente em 612 a.C.

A Assíria era a conquistadora e o terror das nações. Sua maldade, sobretudo sob o reinado de Assurbanipal, era agravante, como atestam seus próprios registros: “As vítimas eram trancadas em gaiolas, expostas à derrisão de espectadores zombeteiros, forçadas a levar em procissão as cabeças de seus companheiros de farda. As casas eram queimadas e os tesouros, saqueados”.⁴ Não admira que Naum tenha concluído sua profecia com as palavras: “Todos os que ouvem a notícia a teu respeito batem palmas sobre ti” (3.19, ECA).

Tamanha maldade carregava consigo as sementes da destruição. Este conhecimento incontestável junto com o poder ascendente dos babilônios e dos medos deram apoio externo ao lampejo profético de Naum. Outro arauto da ruína iminente foi a queda, em 614 a.C., da cidade de Assur diante dos medos. No local das ruínas desta cidade, estes e os babilônios se uniram em aliança. Talvez, os referidos acontecimentos tenham desencadeado as declarações proféticas de Naum. É bem provável que o profeta recebera visões de Deus, ao começar a agir, a fim de que seu povo recebesse os benefícios pertinentes. A descoberta de alguns anais de Nabopolassar, na ocasião rei da Babilônia, revela o fato de que ele e Ciaxares, rei dos medos, já estavam em conflito aberto com a Assíria em 616 a.C., embora separadamente. A própria cidade de Nínive chegou a ser atacada, em 614 a.C., pelos medos, sob o comando deste monarca, os quais foram derrotados.⁵

O terceiro fator previamente mencionado é o silêncio de Naum em relação aos pecados de sua gente. Se esta não for mera reflexão de sua preocupação por outros assuntos, pode indicar uma perspectiva esperançosa por causa das reformas religiosas do rei Josias. Estas mudanças ocorreram em 621 a.C., e ele estava no trono, no prosseguimento da reforma, até morrer em 609 a.C. Talvez Naum não tenha percebido o caráter temporário e os problemas encobertos do movimento como Jeremias compreendeu. A comparação entre Naum 1.15 e 2 Reis 23.21 dá certo apoio à opinião de que ele era favorável aos esforços de Josias.

De qualquer modo, Naum era contemporâneo de Jeremias e Sofonias. Semelhantemente, a tendência geral do texto o coloca no limiar dos acontecimentos que prediz, desta forma, para dar crédito a uma data anterior, entre 616 e 613 a.C. Se esta for adotada, Naum também é contemporâneo de Habacuque.

D. O Estilo Literário

O livro de Naum é exemplo da melhor literatura hebraica. É poesia do mais alto grau de perícia literária inteligente. O professor Brewer, ainda que não aprecie a mensagem do profeta, exalta em termos entusiásticos a habilidade poética dele: “Suas palavras são soberbas, sua capacidade retórica está acima do elogio. Na descrição do ataque, destruição e saque da cidade, mostra imaginação vívida e grande poder de expressão poética”.⁶

Vemos melhor o estilo poético de Naum nas traduções mais recentes (*e.g.*, NVI) do que no formato em prosa.

Todo empenho em discutir a estrutura literária do livro levanta problemas que estão fora do âmbito proposto por esta série de comentários.⁷ Por conseguinte, um esboço literário é pouco inteligente. Resta-nos, pois, tomar providências para fazer uma divisão essencial altamente generalizada da obra.

E. O Valor

Esta curta profecia é apenas um texto de interesse histórico? É mera lembrança que Deus pode revelar acontecimentos aos seus profetas antes de acontecerem? Ou há outra mensagem permanente a extrair deste oráculo de vingança?

Talvez seja verdade que Naum estava tão preocupado com o bem-estar social que sua mensagem espelhou seus interesses políticos mais que suas convicções religiosas e teológicas que os apoiavam. Não obstante, havia certas verdades proféticas fundamentais que moldaram suas declarações. Duas, pelo menos, são evidentes. Uma é a soberania final de Deus sobre a história. A outra é que o universo está tão moralmente estruturado, que quem viola sua constituição é destruído por ele. Quem opta viver pela espada pela espada morrerá (Mt 26.52).

Esboço

I. O GOVERNO DE DEUS, 1.1-6

- A. Títulos, 1.1
- B. A Natureza de Deus, 1.2,3a
- C. O Poder de Deus, 1.3b-6

II. A APLICAÇÃO DA SOBERANIA DE DEUS, 1.7—2.13

- A. Aplicações Diversas, 1.7,8
- B. Discursos a quem Recebe a Justiça, 1.9-15; 2.2
- C. A Queda de Nínive, 2.1,3-13

III. DEUS DESTRUIRÁ O MAL, 3.1-19

- A. A Maldade de Nínive, 3.1-4
- B. A Oposição de Deus à Maldade, 3.5-7
- C. A Inevitabilidade da Derrota do Mal, 3.8-13
- D. O Canto Fúnebre, 3.14-19

SEÇÃO I

O GOVERNO DE DEUS

Naum 1.1-6

A. TÍTULOS, 1.1

É extremamente provável que esta declaração introdutória tenha sido acrescentada por um editor com a finalidade de identificar a obra. Está composta de duas partes: a primeira apresenta o propósito da mensagem, e a segunda determina o autor. Há quem afirme que a parte dois foi declarada especificamente com o fim de catalogar o livro entre os rolos do Templo. Ele era indubitavelmente usado na adoração do Templo tempos mais tarde, e também lá pelo ano de 612 a.C. Mas o livro não era primariamente uma produção litúrgica como muitos têm defendido com veemência.¹

Certo ponto de vista declara que a porção básica do escrito (1.9–2.13) era uma mensagem ou debate público, no qual o profeta argumentava com pessoas de opiniões divergentes sobre os acontecimentos graves e significativos da época.² Se esta opinião estiver correta, abre a probabilidade de esta profecia ter sido entregue em Jerusalém.

Peso (1; “oráculo”, ECA; “sentença”, ARA; “mensagem”, NTLH; “advertência”, NVI) é termo técnico que denota a mensagem de um sacerdote-profeta em nome de um deus. Significa literalmente “o levantamento” da voz. É lógico que o oráculo era *sobre* Nínive e não *para* Nínive, capital do Império Assírio. Por quase dois séculos, este poder tirânico fora a grande força política e militar no mundo conhecido dos hebreus. Foi sob o reinado de Sargão II que, em 722 a.C., Israel (o Reino do Norte) foi extinto. Mais tarde, sob o reinado de Senaqueribe, Judá ficou, por tolice de Acaz, sujeito ao domínio da Assíria e começou a pagar anualmente pesados tributos. Assurbanipal foi o último grande rei do império, e reis menos importantes ocuparam o trono na época da profecia de Naum. Mas Judá ainda estava sob o domínio do vasto império. A capital Nínive, sede do governo assírio, situava-se junto ao rio Tigre (ver mapa 1).

O segundo título (1b) é único na literatura, visto que o habitual era ter apenas um. Também é único no uso da palavra **livro**. **Visão** é termo técnico e denota que a fonte da inspiração profética era o discernimento divino. **Naum**, que significa “o consolador”, é muito apropriado à mensagem quando corretamente entendido, pois certos intérpretes pensam tratar-se de adição fictícia, mas há escassa base que apóie esta suposição.

A maioria dos estudiosos encontra provas de um poema acróstico que começa no versículo 2 e usa a primeira metade do alfabeto hebraico. Trata-se de forma literária que de modo nenhum compromete o conteúdo da mensagem. Há muita discordância sobre este ponto, pois o acróstico está incompleto. Por esta causa, muitos dos que desejam defender esta teoria do poema são obrigados a considerar que o próprio texto está excessivamente adulterado. Semelhantemente, há discordância considerável quanto à extensão desta construção em particular. O rabino Lehrman afirma: “Os esforços em prover as letras que faltam não justificam as muitas correções propostas”.³

B. A NATUREZA DE DEUS, 1.2,3a

O versículo 3 é o texto áureo do livro. Traduzido assim fica mais claro: “O Senhor demora para irar-se e é grande em poder, mas o Senhor de maneira nenhuma deixará o pecado sem punição”.

O profeta não fala de uma raiva petulante que é provocada por assuntos incidentais. Ele se refere à santidade completa de Deus que mantém o amor e a justiça em tensão criativa. O texto profético fala da paciência de Jeová, mas Naum sabe que a penalidade é inevitável. A natureza de Deus requer que o Senhor puna o pecado, porque a natureza do pecado exige essa punição. Esta ação não indicia a bondade de Deus. Mas, caso não se opusesse ao mal, indicaria a santidade divina.

Paulo proclama a mesma mensagem em Romanos 2.3-5: “E tu, ó homem, que julgas os que fazem tais coisas, cuidas que, fazendo-as tu, escaparás ao juízo de Deus? Ou desprezas tu as riquezas da sua benignidade, e paciência, e longanimidade, ignorando que a benignidade de Deus te leva ao arrependimento? Mas, segundo a tua dureza e teu coração impenitente, entesouras ira para ti no dia da ira e da manifestação do juízo de Deus”. É deste modo que Deus governa o mundo: Recompensa a justiça, é paciente com a maldade, mas no fim a pune.

É apropriado lembrarmos aqui que, certo tempo atrás, Deus enviara um profeta a Nínive para pregar o arrependimento. Sob o ministério relutante de Jonas, os ninivitas se arrependeram com pano de saco e cinza (Jn 3.5-10). Não sabemos quanto tempo durou este arrependimento, mas agora eles se arrependeram de terem se arrependido. Se Jonas é exaltado como profeta missionário, Naum não deveria ser refutado por proclamar julgamento sobre o povo que recebeu a mensagem missionária, sobretudo levando em conta que ele baseia a proclamação em tal conceito fundamental da natureza de Deus.

O profeta menciona três características de Deus que precisamos explicar. **O SENHOR é um Deus zeloso** (2; “tem ciúmes”, BV), vingativo e cheio de ira. Não se trata de emoções humanas. Se a teologia moderna nos ensinou algo, é que não há linguagem unívoca sobre Deus. Atribuir paixões humanas ao Senhor é, na melhor das hipóteses, usar de analogia. A transcendência de Deus anula todo esforço em

entendê-lo em termos humanos. A crítica com base nesta linguagem não percebe o significado das referências bíblicas à deidade.

O termo **toma vingança** (*nokem*, “vingador”) é usado três vezes nesta passagem. Talvez esta repetição dê a entender que a Assíria exilara Israel três vezes e, portanto, receberia três punições adequadas aos seus crimes.

C. O PODER DE DEUS, 1.3b-6

O homem sempre teve muito medo das forças da Natureza. É natural associar o poder da deidade com a manifestação da grandiosidade do poder de Deus. Era de se esperar que a humanidade obscurecida pelo pecado exaltasse a força da Natureza à estatura de deuses e fizesse cultos e sacrifícios de conciliação. Esta passagem não afirma que Deus faz parte da Natureza (no sentido de ser uma de suas deidades). O profeta mostra que o Todo-poderoso é o dominador das forças e entidades da ordem natural. Ele é o Senhor dos mares, dos rios, das montanhas e das pessoas. Há dois movimentos que simbolizam o poder de Jeová: o furacão no mar e o *simum*⁴ na terra.

A parte “a” do versículo 4 refere-se possivelmente ao recuo do mar Vermelho e à divisão do rio Jordão. É esta a interpretação mais natural e adotada por Adam Clarke. **Basã, Carmelo e Líbano** (4) são algumas das regiões mais férteis da Palestina, as últimas a serem afetadas pela seca. Os versículos 5 e 6 descrevem a ira de Deus na linguagem de terremoto, vulcão e tempestade violenta e devastadora.

*Adorai o Rei, gloriosíssimo,
E com gratidão cantai o seu amor maravilhoso:
Nosso Escudo e Defesa, o Ancião de Dias,
Encerrado em pavilhão esplendoroso e cingido com louvores.*

*Cantai o seu poder e cantai a sua graça,
Cujo manto é luz, cujo espaço é abobadado.
Seus carros de ira que as densas nuvens formam,
E as trevas são o seu caminho nas asas da tempestade.*

Robert Grant

(Ver “Adorem o Rei”, *Hinário para o Cantor Cristão*, nº 233, verso 1, linha 1 do verso 2 e linhas 2 a 4 do verso 3, letra em inglês de Robert Grant e em português de Werner Kaschel [São Paulo: Bompastor, 2003, 3.^a reimpressão]). (N. do T.).

SEÇÃO II

A APLICAÇÃO DA SOBERANIA DE DEUS

Naum 1.7—2.13

A. APLICAÇÕES DIVERSAS, 1.7,8

Depois de ter falado sobre a natureza de Deus que forma a base do governo do mundo, o profeta passa a mostrar sua dupla aplicação. Estas passagens são “teológicas e afirmam os princípios gerais da providência divina, pela qual a subversão do tirano é certa e a libertação do povo de Deus é garantida”.¹

1. *Deus é uma Fortaleza para os Fiéis* (1.7)

O texto profético declara que Jeová é bom. Não se trata de favor caprichoso da mesma maneira que sua ira não é julgamento petulante. O profeta quer dizer que Deus é fiel na administração da justiça. Aqueles que o servem, **o SENHOR é... uma fortaleza no dia da angústia**. Talvez haja aqui alusão às cidades de refúgio (cf. Êx 21.13; Nm 35.9-14; Js 20.7-9). Mas considerando as circunstâncias da ocasião, é mais provável que o profeta queira transmitir a idéia de trincheiras de proteção. Neste caso, desejava fazer uma comparação com os muros de Nínive. Pareciam inconquistáveis, mas no dia da provação dariam pouca proteção a quem confiou neles. Por outro lado, Deus é uma fortaleza que não deixa na mão quem nele puser a confiança.

Ao considerarmos a extrema aflição daqueles dias, esta era uma promessa maravilhosa à pequena nação de Judá. Um grande império estava a ponto de esfacelar-se, e outras potências emergiam. Era iminente uma batalha de gigantes, cujo confronto colocava as minúsculas nações vassalas em um **dia de angústia**.

É verdade que o cumprimento desta promessa não ocorreu na história subsequente de Judá. Após a reforma de Josias (ver Introdução), o povo judeu caiu de novo na idolatria. Mas a natureza geral da asseveração é tamanha que não há necessidade de argu-

mentação em prol de prosperidade material como sinal do favor de Deus. Não obstante, é reconfortante lembrar que o **SENHOR... conhece** – cuida dos **que confiam nele**.

2. *Deus se Vinga dos Seus Inimigos* (1.8)

A **inundação transbordante** é referência tão clara às circunstâncias pertinentes à queda de Nínive que certos estudiosos questionam o texto. Mas, ao pormos de lado a análise textual, quem crê na inspiração divina não acha mais difícil acreditar em tal predição específica do que crer que Isaías predisse a proteção de Jerusalém quando o exército assírio, sob o comando de Senaqueribe, estava diante das portas da cidade (Is 37.33,34). O Antigo Testamento menciona muitas vezes a destruição por inundação, literal (Jó 38.25; Sl 32.6; Is 54.9) e figurativamente (Is 8.7; Dn 9.26; 11.22).

Conforme o original hebraico, **o seu lugar** (*i.e.*, “o lugar de Nínive”, ECA; cf. ARA; BV; NVI) é alusão tão específica que os termos mais apropriados foram adotados na maioria das traduções, sobretudo desde que a Septuaginta traduziu por “adversários” (cf. NTLH). J. H. Eaton sugere que a melhor tradução é “o seu santuário” e faz um comentário incisivo:

A rapidez desta alusão a uma inimiga [*cidade*] específica causa surpresa, e levou muitos intérpretes a evitarem o significado óbvio do texto tradicional. Contudo, a referência, em essência e modo, é típica de Naum; ela nos prepara para o discurso direto com a mesma inimiga no versículo 11; e corresponde exatamente a 2.5-7, onde o seu templo é devastado pela inundação ao mesmo tempo em que ela é feita cativa.²

Sugeriu-se também que o uso do gênero feminino indique algo por trás da capital em si – à deusa de Nínive, Istar. Por isso, o conflito é elevado a uma guerra entre deidades adversárias. Este significado também está na base dos versículos 11 e 14 (ver comentários ali).

As duas últimas frases deste versículo declaram a totalidade da destruição, e a passagem sucessiva a reforça. **As trevas perseguirão os seus inimigos** é mais correta e comoventemente traduzido por “[O Senhor] perseguirá os seus inimigos [...] para dentro das trevas” (ECA).

Nos versículos 1 a 8, temos um quadro notável do “Deus da ira e misericórdia”: 1) A ira de Deus expressa: a) sua justiça, 3; b) seu poder, 4-6; c) sua soberania tremenda, 2,8; 2) A misericórdia de Deus é revelada na bondade, proteção e interesse por quem confia nele, 7 (W. T. Purkiser).

B. DISCURSOS A QUEM RECEBE A JUSTIÇA, 1.9-15; 2.2

A partir do versículo 9, há mudança abrupta e o discurso é dirigido aos ninivitas. Uma série de declarações diretas torna muito difícil acompanhar o texto, porque a troca de destinatário é feita de um momento para o outro. Primeiro fala com Nínive e depois com Judá, e, de um lado para o outro, o orador desponta em eloquência veemente. A sucessão rápida de discursos nestes versículos levou muitos a acreditar que a recitação deste poema era acompanhada por ação dramática para tornar o significado claro aos ouvintes.

1. *Desafio à Assíria* (1.9-11)

O profeta faz um desafio aos assírios: **Que pensais vós contra o SENHOR?** (9), talvez para dizer: “Quem vocês pensam que Deus é?” É um brado de menosprezo, visto que “o profeta zombeteiramente lhes pergunta o que eles podem fazer em face de Deus ter decretado a destruição”.³

O versículo 10 é difícil de traduzir, mas o sentido está razoavelmente claro. Nínive é comparada a **espinhos**, que são difíceis de eliminar da terra e queimam com dificuldade quando estão molhados, mas que se consomem como palha diante do fogo do julgamento divino. Esta era uma ilustração que os israelitas de mente agrícola facilmente entenderiam.

A significação plena desta passagem é que a destruição da cidade seria completa. Naum declarou: **Não se levantará por duas vezes a angústia**. Não haveria necessidade de outro castigo divino. A história atesta essa verdade.

Ainda que... se saturem de vinho como bêbados é frase que indica que a maioria dos tradutores tem uma visão mais específica do versículo 10. Trata-se de uma amplificação do texto, o que envolve uma interpretação bem como uma tradução. Há versões que a omitem e traduzem o versículo inteiro simplesmente assim: “Como uma moita de espinheiros, como a palha seca, vocês serão completamente destruídos” (NTLH). Contudo, Lehrman e Maier concordam com as traduções que fazem esse tipo de interpretação do hebraico. Quanto ao que significa exatamente, Maier oferece duas alternativas. A primeira, fala que os ninivitas se sentiam tão seguros atrás de suas defesas que bebiam e farreavam, e esqueciam-se do perigo iminente. O rabino Lehrman concorda com este ponto de vista. A segunda opção diz que o profeta prediz a impotência dos assírios, ao declarar que são tão fracos quanto um soldado bêbado. O próprio Maier parece advogar esta interpretação e afirma: “De acordo com a tradição, Nínive foi tomada quando os defensores estavam em meio a uma festa animada regada por bebidas”.⁴

O **alguém** mencionado no versículo 11 é aplicado a Senaqueribe, que era o inimigo mais agressivo de Judá e o invadiu quando Ezequias era rei (2 Rs 18.13ss). O hebraico traduzido por **saiu** é um termo técnico usado para referir-se a expedições e invasões militares (cf. 1 Sm 8.20; Is 42.13; Zc 14.3). As pessoas consideravam as invasões atos dirigidos contra o próprio Jeová, visto que estava associado ao povo pela relação de concerto. A deportação também dera golpe terrível contra o Templo e sua adoração. Em 2 Reis 18.29-35, repare no escárnio que Rabsaqué, general de Senaqueribe, fez de Deus.

No plano de fundo há uma referência mais sinistra. **Conselheiro de Belial** é expressão traduzida de diversas maneiras. A palavra **Belial** é repetida no versículo 15, onde é traduzida por **ímpio**. A interpretação freqüente é que significa uma figura correspondente a Satanás ou o diabo no pensamento cristão, uma personificação do mal. Por trás do poder da Assíria estava o poder das trevas. Sua impotência se tornará evidente diante da onipotência de Jeová.

2. *Consolação para Judá* (1.12,13)

O original hebraico nestes versículos é ambíguo, e a palavra é consolo para os oprimidos que por muito tempo foram pisoteados pelo inimigo. A frase enigmática: **Por mais seguros que estejam e por mais numerosos que sejam**, é traduzida por: “Embora sejam fortes e muitos” (VBB; cf. NTLH; NVI). A despeito da força do inimigo, este jugo de

escravidão será quebrado. O profeta entende que os acontecimentos da história são obra de Deus, e que a aflição de Judá está sob controle divino: **Eu te afligi, mas não te afligirei mais** (12).

3. *Aniquilação da Assíria* (1.14)

O profeta chama a atenção à natureza religiosa do conflito e ao triunfo de Jeová sobre os deuses vis de Nínive. Os assírios tinham zelo particular por seus templos, que estavam repletos de esculturas esculpidas e baixos-relevos talhados em pedra.⁵ A finalidade da destruição é predominante na profecia. **Mais ninguém do teu nome seja semeado** pode ser traduzido por “o teu nome não será mais lembrado” (Moffatt; cf. NTLH).

4. *Previsão de Libertação* (1.15; 2.2)

Naum copia uma passagem linda e famosa de Isaías: **Eis sobre os montes os pés do que traz boas-novas, do que anuncia a paz!** (15). É assim que o profeta ilustra os mensageiros que trilhavam os caminhos monteses, a fim de levar aos habitantes de Jerusalém as boas notícias da destruição do inimigo. Em sua perspectiva otimista, vê que estes acontecimentos e situações são os primeiros lampejos de um período de ouro. Nesse tempo, toda a nação de Israel voltará a ter uma relação produtiva com Jeová e a paz será estabelecida. O versículo 2 do segundo capítulo dá continuidade a este discurso. Maier faz extensa defesa desta posição, mas o peso da erudição bíblica balança para o outro lado. Quando colocamos 2.20 imediatamente após 1.15, teremos a seguinte leitura: **Eis sobre os montes os pés do que traz boas-novas, do que anuncia a paz! Celebra as tuas festas, ó Judá, cumpre os teus votos, porque o ímpio não tornará mais a passar por ti; ele é inteiramente exterminado. Porque o SENHOR trará outra vez a excelência de Jacó, como a excelência de Israel; porque os que despejam os despejaram e corromperam os seus sarmentos.**

“As boas novas dos altos céus” é o tema dos versículos 12 a 15. O Evangelho é, por definição, as **boas-novas**, 15, as boas notícias de: 1) Libertação, 13; 2) Consolo, 12; 3) Paz, 15; e 4) A defesa da justiça, 14,15b (W. T. Purkiser).

C. A QUEDA DE NÍNIVE, 2.1,3-13

1. *A Destruição* (2.1,3-9)

Na descrição da batalha iminente, a mensagem de Naum sobe a um crescendo trovejante como o som de uma grande orquestra. Ainda que seja um acontecimento esperado, a cena é pintada com cores assombrosas e detalhes sangrentos. Até que ponto isto é exato? É lógico que era o quadro típico de guerra daqueles tempos em que predominavam carros e soldados a pé. Quanto à descrição real da queda da cidade, há pouco registro na literatura contemporânea. O Tablete Babilônico, descoberto por C. J. Gadd, do Museu Britânico, é a fonte de informação de maior autoridade. Fixa a data da destruição de Nínive em 612 a.C., e relata a queda de outras fortalezas assírias.

Infelizmente, só duas linhas do texto no Tablete Babilônico são dedicadas à vitória em Nínive, e estas estão em grande parte mutiladas. O cerco durou do começo de junho até agosto, aproximadamente dois meses e meio.⁶ Não há registro na crônica que com-

prove ou conteste as histórias relacionadas com a derrota da cidade, e Gadd sugere que nada há de improvável sobre estas narrativas.

A história relata que a captura da cidade foi possível, porque uma grande tempestade de chuva e trovão fez o rio inundar e devastar grande porção dos muros (cf. 1.8). A ocasião da invasão está em perfeita harmonia com tal ocorrência. As chuvas mais pesadas no distrito do Tigre ocorrem geralmente em março e, junto com o degelo da neve armênia, fazem com que o rio atinja seu maior volume em abril e maio. “A verdade indubitável é que Ciaxares se aproveitou da devastação causada pelo rio Tigre, anormalmente alto na primavera precedente, para desencadear seu ataque no único lugar dos muros em que o desastre da natureza os tornara vulneráveis”.⁷

Veremos, contudo, que o rio Tigre não foi o instrumento de vitória e que a inundação não foi acidental (cf. mais adiante).

Naum não fez um relato cronológico do cerco, mas narra “impressões” pré-invasão, como sugere G. A. Smith.⁸ Existem três destas impressões: 2.5ss; 3.2ss e 3.12ss.

a) *Insultos aos sitiados* (2.1). Às vezes, a palavra hebraica traduzida por **destruidor** é associada com o termo que significa “martelo”. É óbvio que Naum tem em mente Ciaxares que liderara sem sucesso o cerco anterior contra Nínive (ver Introdução). Nesta ocasião antevista, os medos, sob o comando deste rei, uniram forças com os babilônios e sitiaram a cidade. O cerco durou três meses, o que resultou praticamente no fim do Império Assírio.⁹ “O sitiador do mundo é, afinal, sitiado; toda crueldade que infligira nos homens agora se volta para ele”.¹⁰

Com fé numa conquista bem-sucedida, Naum convoca com ironia os ninivitas, a fim de se prepararem para o ataque, ao usar uma forma do verbo que expressa sua força com ênfase máxima: “O destruidor sobe contra ti, ó Nínive! Guarda a fortaleza, vigia o caminho, fortalece os lombos, reúne todas as tuas forças!” (ARA).

Ver a análise de 2.2 com relação a 1.15.

b) *Descrição do invasor* (2.3). A profecia descreve os invasores em ordem de batalha primorosa, trajados com roupas **escarlates**, como era a prática. Os escudos eram revestidos de peles tingidas de **vermelho**. Segundo descrição de Heródoto, parte do exército de Xerxes usava roupas laboriosamente coloridas; alguns soldados “pintavam o corpo, a metade com giz e a metade com cinabre”.¹¹

Nesta subdivisão e na seguinte, o texto é um tanto quanto difícil, e gera inúmeras variações nas traduções. A referência a **fogo de tochas** é ambígua. A sugestão mais provável é que a descrição se refira a “as chapas de metal polido com que os carros eram montados ou encouraçados, e ao brilho das armas dependuradas neles”.¹² Estas superfícies polidas cintilavam como tochas ao sol.

As lanças se sacudirão terrivelmente. A palavra **lanças** no original hebraico é, mais literalmente, traduzida por “ciprestes”, numa alusão ao cabo das **lanças** que eram feitas de madeira de cipreste. Porém, “autores clássicos antigos se referem a lanças como ‘abetos [ou pinheiros; cf. NVI]’ e ‘freixos’”.¹³

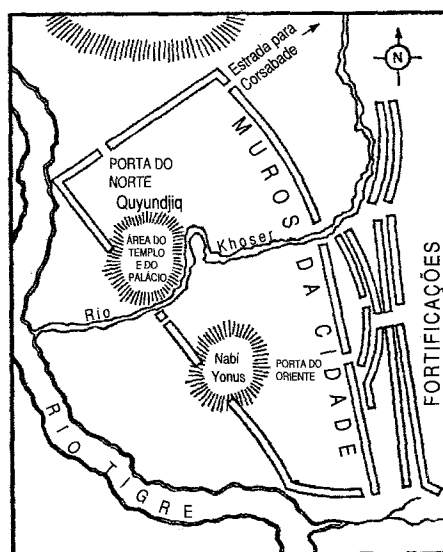
A interpretação que recebe maior apoio está baseada na Septuaginta, que traduz a palavra “cipreste” por “cavalos de guerra” ou “cavaleiros” (cf. NVI, nota). Neste caso, a referência seria ao sinal de ataque da cavalaria. De acordo com um radical árabe, a frase

se sacudirão terrivelmente é traduzida por “reunirão as tropas em ordem de batalha”, ou, se for deixada como está, refere-se aos cavalos que tremem de inquietação. Por conseguinte, “os escudos dos seus heróis são carmesins, os soldados estão vestidos de escarlata, seus carros armados cintilam como fogo e seus cavalos se empinam no ajuntamento das tropas” (Moffatt).

c) *O ataque pela periferia da cidade* (2.4). Primeiro, examinemos a tradução pitoresca e adequada desta cena feita por Moffatt:

*Os carros de batalha cortam pelos campos abertos
E galopam pelos espaços amplos,
Percorrendo velozmente como tochas,
Correndo bruscamente como raios.*

Nínive situava-se ao longo da margem oriental do Tigre, no ponto em que este rio recebe as águas do Khoser, o qual atravessava a cidade de um extremo ao outro (ver diagrama). Montes baixos descem desde o extremo norte da fortaleza, contornam os muros leste e sul e voltam-se para o rio ao sul da cidade. No leste, há uma planície grande e plana de uns quatro quilômetros por dois e meio. Os muros externos da cidade tinham uma circunferência de 12 quilômetros e, segundo estimativas, poderiam acomodar de 175.000 a 300.000 habitantes. Em torno dos muros, exceto no lado ocidental, afastado uns 18 metros, existiam fossos de cerca de 45 metros de largura. As águas do Khoser enchiam os fossos que estavam ao sul do rio, ao passo que os canais que estavam ao norte do rio eram abastecidos de água por um duto que saía da cidade no lado norte.



CIDADE DE NÍNIVE

A água dessas represas era controlada por diques e comportas. Depois do canal no lado oriental, havia dois baluartes: um ao norte e o outro ao sul do rio Khoser. O que ficava no sul tinha a forma de segmento de círculo e era composto de duas linhas de fortificação. Em frente existia uma terceira linha de fortificação, a qual era fechada no sul por uma grande fortaleza.

Os medos vieram do leste e do norte, a fim de evitar as fortalezas; capturaram outras fortificações que Naum predissera que cairiam nas mãos deles como “figos maduros” (3.12, NVI). É a opinião de autoridades militares que atacaram a cidade pelo lado nordeste, onde a altura do chão os colocaria em nível com o muro. Neste ponto, poderiam controlar o sistema de abastecimento de água que alimentava a maioria dos fossos. Ademais, ao atacar no lado nordeste, o flanco dos sitiadores estaria protegido pelos desfiladeiros do rio Khoser.

O versículo 4 alude à batalha que houve nos bairros luxuosos da cidade. De acordo com Naum, este confronto ocorreria antes que os muros fossem atacados. Era na zona norte que ficavam as famosas residências de Nínive, ao longo do canal e da estrada para Corsabade. Derrotados ali, os assírios retiraram-se para trás dos pesados muros, e entregaram aos atacantes o sistema de abastecimento de água.

d) *O ataque aos muros* (2.5). Depois que os bairros residenciais caíram, as **riquezas** (as melhores unidades militares; as “tropas de elite”, NVI) foram convocadas para o ataque. É ponto de debate entre os estudiosos se este versículo se aplica aos atacantes ou aos defensores. Afigura-se mais provável aos atacantes, como optam certas traduções (cf. ECA; NTLH; RC). Entender que o versículo 5 é uma descrição dos defensores torna ambíguo seu significado.

“Ele reúne em massa homens escolhidos, que atacam à frente, correm a toda contra os muros e o mantelete é fixado” (5, Moffatt). Tratam-se dos soldados encarregados dos aríetes e, talvez por isso, tropeçam **na sua marcha** quando batem estes instrumentos de guerra nas portas. Supõe-se que depois de terem tomado posse das portas e do sistema de abastecimento de água, não os destruíram imediatamente. Por isso, tiveram de fazer fortes barragens para represar a água dos fossos. De fato, o canal oriental encontrado em escavações estava cheio de entulho bem em frente de uma grande brecha no muro. O “mantelete” (**amparo**; “barreiras”, NTLH; “escudo protetor”, ECA) era uma estrutura de madeira revestida de pele para proteger os guerreiros enquanto operavam os aríetes.

e) *A cidade cai* (2.6-8). Nínive, que usou o cerco com grande sucesso em suas operações militares, agora sente a força de sua própria arma. E Naum percebe a exultação do mundo que vivera em constante horror por causa dos ataques assírios. “Ele ouve os estalidos das rachaduras se abrirem sob os muros e o ruído causado pelos carros de guerra que saltam; o fim é a carnificina, tristeza e devastação total”.¹⁴

As brechas do muro foram causadas pelos aríetes ou pelo direcionamento da água dos canais contra os muros, que eram feitos de tijolos de lama e terra. As **portas do rio** (6) talvez seja referência ao Khoser que inundava na primavera. Pode ser que os atacantes o tivessem represado e depois soltado o volume retido nos diques que canalizavam a passagem do rio debaixo do muro oriental, a fim de, desta forma, quebrá-lo. A inundação de água minaria a fundação dos edifícios e o **palácio** ruiria (**se derreterá**).

Há várias possibilidades de interpretação para o versículo 7 (a tradução da RC torna difícil de entender), e a mais importante é a que diz que Naum se refere à rainha. Se as interpretações sugeridas para 1.8,11,14 estiverem corretas – que há um conflito espiritual por trás dos acontecimentos –, então a opinião que advoga que **Huzabe** é outro nome para aludir a Istar, a deusa da Assíria, tem muita crédito. Esta nação tinha o costume de levar cativos os deuses das nações vitimadas. Agora, sua própria deusa será **descoberta e levada** sem dignidade. Neste caso, **as suas servas** seriam as prostitutas “sacras” que gemem como **pombas** e batem no **peito** angustiadas.

As pessoas, mais particularmente os soldados, **fogem** (8) em confusão indisciplinada e esbaforida. A ordem dos oficiais: **Parai, parai**, não é atendida. Por conseguinte, a derrota é total.

f) *O saque dos tesouros* (2.9). Os grandes tesouros de Nínive, os espólios de suas conquistas, tornam-se despojo dos vencedores. O versículo foi parafraseado com dramaticidade: “Tomem posse da prata! Tomem posse do ouro! Há tesouros sem fim. A riqueza incalculável de Nínive será dividida entre muitas pessoas” (BV).

2. A Desolação (2.10-13)

Em linguagem poética, o versículo 10 (NVI) descreve a cidade saqueada.

*Ah! Devastação! Destruição! Desolação!
Os corações se derretem, os joelhos vacilam,
Todos os corpos tremem
E o rosto de todos empalidece!*

Em sua descrição, Naum fala que a cidade é **covil dos leões** (11). O **leão velho** trouxera vítimas, mutiladas e sangrentas, em abundância para alimentar a família esfo-meada. Enchera **de presas as suas cavernas e os seus covis, de rapina** (12; carne esmigalhada, cf. BV). Agora estão desamparados, foram “apanhados como presa”. Grande medo e convulsões de terror aparecem de todos os lados. É o Senhor que está por trás da cena – **Eis que eu estou contra ti** (13). Sua palavra é colocada em ação. Os leões serão liquidados e Nínive nunca mais existirá.

SEÇÃO III

DEUS DESTRUIRÁ O MAL

Naum 3.1-19

No capítulo 3, a descrição veemente da queda da cidade oferece uma explicação racional dos motivos de ter sido necessária.

A. A MALDADE DE NÍNIVE, 3.1-4

Nínive é condenada por três razões: saque, destrutibilidade (*i.e.*, propensão para matar e destruir) e má influência. Os assírios estavam entre os povos mais cruéis da história. As crônicas de Assurbanipal II (885-860 a.C.) narram suas próprias atrocidades:

Esfolei todos os homens importantes (da cidade de Suru) que tinham se revoltado, e revesti o pilar com a pele deles; alguns eu emparedei no pilar, outros empalei no pilar em estacas e uns preendi com estacas em volta do pilar; muitos, já na fronteira de minha terra, esfolei e estendi a pele pelos muros; e cortei os membros dos oficiais, dos oficiais do rei, que tinham se rebelado. Levei Aiababa para Nínive. [...]

[...] No meio da grande montanha, matei-os, com o sangue tingi de vermelho a montanha, que ficou como lã vermelha, e com o que restou deles manchei as valas e precipícios das montanhas.¹

É por isso que Naum disse que Nínive era **cidade ensangüentada** (1). Ela despojara outras nações de sua riqueza e saqueara muitas cidades para mostrar que “da presa não há fim!” (ECA).

O versículo 3 refere-se ao hábito cruel de cortar as cabeças dos cativos e amontoá-las com outros corpos em frente das portas da cidade. Lemos da crônica do rei: “Formei

um pilar dos vivos e das cabeças bem em frente da porta da cidade e empalei 700 homens em estacas. [...] Os jovens e suas donzelas queimei em fogueiras”.²

A profecia personifica Nínive como a **mui graciosa meretriz** (4), que atrai suas vítimas à ruína mediante exhibições de poder e propostas aparentemente favoráveis. Ao atenderem seus encantos, caem presas de sua ganância. O que ela não tomava pela força roubava por **malefícios** (engano).

B. A OPOSIÇÃO DE DEUS À MALDADE, 3.5-7

A metáfora da meretriz continua nestes versículos. A condenação descrita diz respeito à prática de expor ao olhar público a mulher condenada de impudência (cf. Ez 16.37-39; Os 2.3). **Descobrirei** (5) significa despir, retirar aquilo que cobria, aquilo que servia de coberta. Ao julgar que Nínive fez o papel de meretriz, a cidade tinha de sofrer o destino de ser exibida em desgraça. Ninguém sentirá dó; pelo contrário, as nações se alegrarão por causa de sua destruição.

C. A INEVITABILIDADE DA DERROTA DO MAL, 3.8-13

A própria Assíria, sob o reinado de Assurbanipal, tinha derrotado a populosa cidade de **Nô-Amom** (“Tebas”, a capital egípcia, cf. BV; NTLH; NVI). Desta forma, suas fronteiras chegaram até ao mais extremo limite sul do mundo habitado. Por que esta metrópole foi mencionada? Primeiramente, porque também fora uma importantíssima cidade; e em segundo lugar, porque Naum talvez achasse que dependia do rio Nilo para sua defesa, da mesma forma que Nínive confiava no Tigre. O Nilo, como outros grandes rios da Bíblia, é chamado **o mar** (8).

O relato de Assurbanipal fala da queda de Tebas: “A cidade inteira [...] minhas mãos capturaram – prata, ouro, pedras preciosas, todo o conteúdo do palácio, tudo que havia [...], [roupas] coloridas, tecidos, cavalos e pessoas, homens e mulheres”.³

O país da **Etiópia** (9) e do **Egito** estavam estreitamente relacionados, junto com outros ajudadores que aumentaram o poder militar de Tebas. Contudo, Eaton tem razão em observar que “Naum não considera a queda de Tebas prova da força assíria, mas sim da fragilidade de todo o império humano. Em última análise, esta cidade caíra porque Deus decretara seu fim”.⁴

O versículo 11 descreve o choque que o ataque do invasor causou na cidade: “Nínive, você também vai ficar bêbada e vai andar atrapalhada, à procura de fugir do inimigo” (NTLH).

Todas as tuas fortalezas (12) referem-se às fortificações periféricas, que caíram como **figos temporãos** nas mãos dos invasores em sua marcha rumo ao centro da cidade.

Não nos esqueçamos de que Naum não escrevia a história de acontecimentos passados, mas predizia uma crise iminente. Embora não fosse seu propósito fazer predição detalhada, é notável a exatidão dos acontecimentos em comparação com suas descrições. Os defensores da cidade lutaram desesperadamente. Mas, apesar da defesa corajosa que fizeram, eram tão fracos quanto **mulheres** (13) diante do ataque violento. Naum destaca novamente que, quando Deus julga, os homens não têm forças para se opor ao julgamento.

D. O CANTO FÚNEBRE, 3.14-19

Pela última vez, Naum dedica a atenção ao ataque. Novamente lança suas críticas violentas e mordazes contra a cidade condenada. Retrocede às mesmas formas verbais que antes, ao dar instruções concisas e pungentes no preparo do destino inevitável.

Primeiramente, exorta-os a tirar **águas para o cerco** (14). Certos arqueólogos advogam que a água do rio Khoser era controlada por uma grande represa fora da cidade, que proporcionava um meio de controle de inundação e um reservatório. Este era contido por uma magnífica represa dupla com paredes de rio volumosas. Os arqueólogos acharam nas ruínas vestígios das comportas ou eclusas da represa original.⁵ Neste ponto, é possível que Naum previsse que os invasores fechariam estas comportas, a fim de cortarem o abastecimento de água para a cidade, visto que a do rio Tigre era poluída.

O profeta os convoca a fazer tijolos para consertar as fortificações esraçalhadas. **Repara para o forno para os ladrilhos** é mais bem traduzido por “pega na fôrma para os tijolos” (ECA). Mas esta preparação para nada servirá. O **fogo** (15) e a **espada** prevalecerão. De fato, a cidade foi arrasada pelo fogo, como atestam as escavações. De acordo com a tradição, o rei Sardanapalo, ao reconhecer seu destino, mandou queimá-lo vivo no palácio.⁶ Enquanto a cidade era destruída pelas chamas, os habitantes foram mortos à espada.

A multidão dos assírios, tão numerosa quanto **gafanhotos**, não amenizará a destruição, mas como uma praga de gafanhotos será aniquilada. A destruição é considerada completa, o silêncio da morte reina, a cidade está devastada. As palavras da Crônica Babilônica em seus restos fragmentados contam a história final e escrevem um epitáfio adequado para a grande cidade de Nínive:

38. [No décimo quarto ano], o rei de Akkod reuniu seu exército [...] os homens (?) do rei de Umnan-Mandu para combater o rei de Akkod.
39. [...] eles batalharam uns contra os outros.
40. O rei de Akkod [...] e [Ciaxa]res [...] ele fez atravessar
41. Pela margem do Tigre eles marcharam [...] contra Ní[nive] [...] eles [...]
42. Do mês de sivã ao mês de ab três batalhas (?) [...]
43. Atacaram violentamente a cidade e no mês de ab, [o dia... em que a cidade foi capturada], [...] fizeram um grande [massacre] dos [homens] mais importantes.
44. Naquela época, Sinshanishkun, rei da Assíria [...]
45. O espólio da cidade; uma quantidade muito maior que o país que eles saquearam, e [tornaram] a cidade num montículo e numa ruína [...] ⁷

Mas os registros da história dificilmente são mais exatos que a visão inspirada de Naum. Confira os versículos 18 e 19 traduzidos por Moffatt:

*Assíria, os teus governantes estão dormindo,
Os teus soberanos tiram uma soneca na morte!
O teu povo foi espalhado por todos os montes,
Não há ninguém que o reúna.
Tu foste despedaçada sem cura, ferida de morte.*

Notas

INTRODUÇÃO

- ¹ Julius A. Brewer, *The Literature of the Old Testament* (Nova York: Columbia University Press, 1962), p. 147.
- ² Walter A. Maier, *The Book of Nahum* (St. Louis: Concordia Publishing House, 1959), pp. 24-26.
- ³ Ver Maier, *op. cit.*, pp. 70-84, onde estas críticas são examinadas e refutadas.
- ⁴ S. M. Lehrman, "Nahum", *The Twelve Prophets*, editado por A. Cohen (Londres: The Soncino Press, 1948), p. 191.
- ⁵ C. J. Gadd, *The Fall of Nineveh* (Londres: Department of Egyptian and Assyrian Antiquities, British Museum, 1923).
- ⁶ Brewer, *op. cit.*, p. 148.
- ⁷ Existem diversas monografias altamente técnicas escritas sobre o problema do texto, sua adulteração e natureza, como, *e.g.*, Alfred Haldor, *Studies in the Book of Nahum* (Uppsala: A. B. Lundequistrek Bokhandeln, 1946).

SEÇÃO I

- ¹ Ver, *e.g.*, Paul Haupt, *The Book of Nahum* (Baltimore: Johns Hopkins Press, 1907).
- ² William C. Graham, "Nahum", *Abingdon Bible Commentary*, editado por Frederick Carl Eiselen *et al.* (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1929), p. 798.
- ³ Lehrman, *op. cit.*, p. 194.
- ⁴ Vento abrasador, seco, violento e carregado de pó, que sopra ocasionalmente naquela região do mundo.

SEÇÃO II

- ¹ George Adam Smith, "The Book of the Twelve Prophets", *The Expositor's Bible*, editado por W. Robertson Nicoll, vol. II (Nova York: A. C. Armstrong & Son, 1903), p. 91.
- ² J. H. Eaton, *Obadiah, Nahum, Habakkuk and Zephaniah* (Londres: SCM Press, 1961), p. 60.
- ³ Lehrman, *op. cit.*, p. 196.
- ⁴ Maier, *op. cit.*, pp. 191, 192.
- ⁵ *Ib.*, p. 212.
- ⁶ Gadd, *op. cit.*, p. 17.
- ⁷ *Ib.*, p. 18.
- ⁸ G. A. Smith, *op. cit.*, p. 103.
- ⁹ Alguns que conseguiram furar o cerco mudaram a capital para outra cidade, mas o império ruiu.
- ¹⁰ G. A. Smith, *op. cit.*, p. 102.
- ¹¹ Herótodo, *História*, vol. VII, pp. 61, 69.
- ¹² A. B. Davidson, "Nahum, Habakkuk and Zephaniah", *The Cambridge Bible for Schools and Colleges*, editado por J. J. S. Perowne (Cambridge: University Press, 1896).
- ¹³ Lehrman, *op. cit.*, p. 200.
- ¹⁴ Smith, *op. cit.*, p. 102.

SEÇÃO III

¹ Citado em Maier, *op. cit.*, p. 291.

² *Ib.*, p. 292.

³ Citado em Lehrman, *op. cit.*, p. 205.

⁴ Eaton, *op. cit.*, p. 75.

⁵ Maier, *op. cit.*, p. 253.

⁶ F. W. Farrar, *The Minor Prophets* (Nova York: Fleming H. Revell Company, s.d.), p. 152.

⁷ *Ib.*, pp. 39, 40.

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

5

Oséias a
Malaquias

O *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

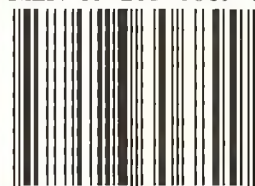
Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que “subsiste eternamente”.

Oscar F. Reed
Armor D. Peisker
H. Ray Dunning
William M. Greathouse

ISBN 85-263-0689-8



9 788526 306899